

**MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL
PROCURADORIA GERAL DA REPÚBLICA
SECRETARIA DE APOIO PERICIAL**

PARECER Nº03/2016 /PGR/SEAP

REFERÊNCIA	IC nº 1.22.000.003399/2015-52 Guia nº SEAP/PGR-000878/2015
SOLICITANTE	Walquiria Imamura Picoli.
EMENTA	Análise das alterações imediatas no modo de vida do povo Krenak decorrentes do desastre socioambiental causado pelo rompimento da barragem de rejeitos de mineração do Fundão, operada pela sociedade empresária Samarco Mineração S.A.

1 INTRODUÇÃO

Este parecer foi solicitado pela Procuradora da República Walquiria Imamura Picolino, designada pela Portaria PGR/MPF nº 953/2015 para atuar em conjunto com outros procuradores nesse Inquérito Civil.

A perícia foi realizada tendo como foco a análise das alterações imediatas no modo de vida do povo Krenak e em suas atividades econômicas decorrentes do desastre socioambiental causado pelo rompimento da barragem de rejeitos de mineração do Fundão, operada pela sociedade empresária Samarco Mineração S.A.

Na realização da pesquisa, adotei como estratégia metodológica a partir de uma abordagem qualitativa, as técnicas derivadas do Método Etnográfico. Inicialmente, realizei a pesquisa bibliográfica e documental, o que facilitou a minha interação no contexto cultural em questão para o trabalho em campo realizado posteriormente.

Considerando a diversidade cultural do campo, para a coleta dos dados primários utilizei as técnicas de observação, entrevistas semiestruturadas e levantamento fotográfico de forma complementar. A pesquisa de campo para a coleta de dados primários foi realizada de 14 a 18 de dezembro, na Terra Indígena Krenak e nas cidades de Resplendor e Governador Valadares.

A noção de “campo” aqui adotada é compreendida como o espaço social e físico cujas

fronteiras são definidas em termos de grupos, instituições e pessoas ou atividades de interesse em um determinado espaço geográfico.

Por meio de uma reflexão antropológica, priorizei a observação do atual modo de organização cultural dos núcleos familiares Krenak, a reprodução de seu modo de vida e a relação desses com seu território como estratégia para compreender as mudanças no modo de vida dessa população e como essas transformações se articulam com suas interações com o ambiente do Rio Doce.

Para a investigação, foi respeitada a necessária pluralidade dos dados garantida pela diversidade dos informantes, assim como a interlocução interdisciplinar com a área de biologia, com o objetivo de alcançar uma maior compreensão do fenômeno a ser investigado. Ouvimos em campo os Krenak de diferentes famílias, habitantes de diversos locais da Terra Indígena e também entrevistamos agentes externos que atuam na área, servidores da área de saúde, enfermeira, técnica de enfermagem e dentista. Em Governador Valadares entrevistamos dois servidores da Coordenação Regional da Fundação Nacional do Índio-Funai: Jorge Luiz de Paula, Antropólogo chefe do serviço de Gestão Ambiental e Territorial e Alexsandro Mathias, Biólogo, indigenista especializado. Em Resplendor e durante todo o trabalho na Terra Indígena contamos com o constante diálogo e acompanhamento do servidor da Funai, Marcelino Aquino, chefe da Coordenação Técnica Local.

2 FUNDAMENTOS ANALÍTICOS

As reflexões aqui apresentadas são baseadas no conhecimento antropológico produzido ao problematizar a suposta universalidade do espaço. A abordagem da antropologia do espaço inclui a análise dos espaços vividos e as formas como os usuários habitam, ocupam e vivenciam seus espaços.

Para a melhor compreensão deste parecer a respeito dos impactos do desastre socioambiental na Terra Indígena Krenak, apresento inicialmente alguns esclarecimentos sobre os principais conceitos utilizados: impacto, espaço, lugar, e habitar.

Entendo o impacto ambiental não apenas como resultado de uma determinada ação humana sobre o ambiente com efeitos significativos imediatos, mas como um sistema dinâmico de alterações socioambientais em contínuo movimento. Sendo um processo em movimento permanente, o impacto é produto e produtor de novas transformações que interferem significativamente no ambiente das sociedades humanas.

Vale destacar que, mesmo considerando que as sociedades são dinâmicas e existem em um ambiente já marcado por contínuas mudanças, o impacto ambiental pode ser classificado

como positivo ou negativo. Consideramos negativo o que é percebido pelo grupo atingido como uma quebra no equilíbrio ecológico de sua organização social.

O espaço é aqui compreendido como elemento ativo no processo sociocultural, inserido na cultura, e não apenas uma forma física que reflete a organização social.¹ O mundo social, sua moral, seus valores, não apenas moldam seu espaço, mas também são moldados por ele. Nesse sentido, reconheço o importante caráter agenciador do espaço, como demonstrado em diversas etnografias que abordam suas interações.

Nessa reflexão recorro também à necessária ampliação da compreensão da noção de espaço enquanto lugar. O arquiteto Norberg-Schulz propõe o conceito de lugar como o espaço ocupado pelo homem, física ou simbolicamente. Sem os atributos humanos, o espaço não é um lugar², mas apenas um local onde todos os atributos espaciais e os ambientais agem, porém sem a interação humana, sem os valores humanos. Tuan (1983) define os lugares como “centros aos quais atribuímos valor e onde são satisfeitas as necessidades biológicas de comida, água, descanso e procriação” (p. 83)³.

O espaço ganha significado e valor em razão da presença do homem, da vivência do ambiente pelo homem, seja para acomodá-lo fisicamente ou para possibilitar suas relações e atividades. É preciso ressaltar que habitar pressupõe, antes de tudo, identificar-se com o ambiente. O ambiente é vivido como portador de um significado.

Dentro de uma compreensão do humano como totalidade - humano total, pessoa e organismo – e com as referências acima colocadas, adoto um entendimento relacional e contextual do ambiente do Rio Doce na Terra Indígena Krenak. Considero que todas as dimensões apresentadas resultam necessariamente numa ambiência. Refiro-me à percepção e apropriação individual e coletiva do espaço natural e construído.

Adotando esses entendimentos, para o diagnóstico das alterações socioambientais desencadeadas pelo despejo de rejeitos no Rio Doce, lugar dos Krenak, analisaremos a interação desse povo com o rio em seu ambiente, buscando entender como aqueles que vivem esse universo espacial têm se apropriado dessas transformações ambientais.

1. Ver: Soja, Edward. Geografias pós-modernas. A reafirmação do espaço na teoria social crítica. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

2 Ver: Augé, Marc. Não-lugares. Introdução a uma antropologia da supermodernidade. 3ed., Coleção Travessia do século. Campinas, Papirus, 1994.

3 Ver: Tuan, Yi-fu. Espaço e lugar: a perspectiva da experiência. Tradução: Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.

3 O POVO KRENAK

A população conhecida hoje como Krenak, habitante da margem esquerda do Rio Doce, município de Resplendor, na região Leste de Minas Gerais, formou-se ao longo de um processo histórico marcado pelo caráter violento da expansão econômica sobre aquela região.

O processo de formação da etnia Krenak deu-se através da dispersão de grupos Botocudos, nome com o qual os portugueses pejorativamente os designavam, em referência aos adornos usados nas orelhas e nos lábios - ou Borum - termo que significa 'gente', em língua indígena, e que segundo o qual os Krenak designam hoje a si - eram falantes de uma mesma língua, apesar das significativas variações dialetais.

A literatura informa que os Borum levavam uma vida em constante equilíbrio com a natureza, dentro das densas matas atlânticas que existiam, os Botocudos caçavam, coletavam e cultuavam com seus espíritos Marét a Gyák (Deus). Na época do contato com os portugueses, por volta de 1910, as atividades de subsistência dos Borum eram a pesca, a caça e a coleta. A coleta era feita no período das secas em que abandonavam os seus acampamentos localizados às margens dos rios e se dirigiam para o interior das matas

O modo de ser e viver dos Borun passou a ser ameaçado com a chegada dos colonos na região. A subida dos colonos pela extensão do Rio Doce, em busca das minas de ouro, causou o embate entre colonos e os índios e marcou a colonização especialmente em Minas Gerais e Espírito Santo. Foram várias as tentativas de “pacificação” para que os Krenak desocupassem as margens do Rio Doce. Na luta contra o etnocídio, variados mecanismos e estratégias de resistência foram utilizados, inclusive a ocultação e a negação da identidade étnica.

A maior parte do povo Krenak vive hoje na Terra Indígena Krenak, localizada na margem do Rio Doce, no município de Resplendor. A atual população na Terra Indígena Krenak é de 120 famílias, dividida em sete grupos: Krenak, Atorân, Watu, Naknenuk, Takruk, Nakreré e Borum Ereré. As principais atividades econômicas dos Krenak são a pecuária, a agricultura, a pesca e a confecção do artesanato.

A relação dos Krenak com o rio, com a mata e com os demais elementos do seu território é considerada um aspecto central do que é identificado como “cultura Krenak”. Nos relatos coletados em campo, a denominação “cultura Krenak” refere-se à maneira Krenak de ver o mundo e ao conjunto de práticas sociais e valores que orientam e caracterizam o povo Krenak como etnicamente diferenciado da sociedade nacional.

A cosmovisão Krenak e seus valores são fundamentados na convicção da existência

dos *Maret*, espíritos protetores dos Krenak. Os relatos frequentemente referem-se à atuação dos espíritos protegendo os Krenak em todos os momentos importantes, no passado e na atualidade, da vida dos Krenak. O rio, as matas, as montanhas e as cavernas são conhecidos como casas dos *maret* e por isso a preservação dos seus recursos ambientais está intimamente relacionada com a proteção do grupo, com as crenças, com a cosmovisão Krenak.

A partir da pesquisa realizada, podemos afirmar que o Rio Doce é um lugar fundamental do território e no modo de ser Krenak. O rio tem um papel ativo não apenas na sustentabilidade e na recreação como também na cosmologia indígena. A relação dos Krenak com o rio é parte ativa nos seus processos socioculturais, influencia na sua organização e dinâmica social, na sua moral e nos seus valores ético-espirituais.

O rio é espaço de socialização e de sociabilidade, das interações humanas e espirituais, das relações intersubjetivas com os parentes, da transmissão da cultura para as novas gerações, de suporte para a formação do “ser Krenak”. Muitas experiências, relatadas pelos entrevistados, fatos simbólicos, marcos na memória coletiva e referências na vida social demonstram o papel do rio como lugar dos Krenak. O Rio Doce é relatado como lugar habitado pelos Krenak não só por atender às suas necessidades biológicas, mas um espaço de reprodução social da sua cultura, espaço da tradição, referência na afirmação da identidade Krenak.

“A gente tem uma fé na água, no watu. Quando meu povo era vivo, tudo alegre, nós íamos para a beira do rio, cantando. Levava lenços, ficava na beira do fogo, passava a noite. Os índios nunca sem um fogo no terreiro. Andava alegre na beira do rio, com chuva e com sol, ninguém ficava doente, Watu protegia.”
(Laurita)

A tradição é aqui compreendida como o processo de atualização constante da leitura feita pelo grupo da sua experiência histórica, permite que o conhecimento desse grupo surja e mantenha-se ao longo de experiências de vida e imersão no seu lugar específico. Como nos esclarece Ingold (2010), o conhecimento constitui-se em um processo gerado nas práticas da localidade:

Na passagem das gerações humanas, a contribuição de cada uma para a cognoscibilidade da seguinte não se dá pela entrega de um corpo de informações desincorporada e contexto independente, mas pela criação, através de suas atividades, de contextos ambientais dentro dos quais as sucessoras desenvolvem suas próprias habilidades incorporadas de percepção e ação. Em vez de ter suas capacidades evolutivas recheadas de estruturas que representam aspectos do

mundo, os seres humanos emergem como um centro de atenção e agência cujos processos ressoam com os de seu ambiente. (INGOLD, 2010, p. 21)⁴.

Esse processo de conhecimento é baseado em sentimento, consistindo em habilidades, sensibilidades e orientações desenvolvidas através de longa experiência de condução da própria vida em um ambiente particular.

O Rio Doce para os Krenak é um ente sagrado, pleno de significado cosmológico, denominado por eles “Watu”. Os relatos nos revelam que os Krenak percebem o “Watu” como um forte protetor e provedor que os forma, alimenta, protege e os equilibra.

“O Watu é o pai da gente. Se você tava um dia sem nada pra comer, era só pescar ou então pegar o peixe e vender na rua.” (Zezão)

“O rio é o pai e a mãe da gente. É ele que permite a nossa liberdade. A gente pode tentar um sustento ou outro. Sair da terra, tentar e se der errado, a gente pode voltar que ele nos dá sustento.” (Basílio)

A literatura e os dados empíricos nos mostram que o modo de vida Krenak fundamenta-se na existência do Rio Doce. Os Krenak utilizam o rio como fonte de alimentação, dessedentação, recreação e para atividade profissional. O rio fornece a dieta do povo Krenak, a pesca e a caça são consideradas parte da sua identidade, são classificadas como as “verdadeiras comida dos índios”.

Os sentidos de pertencimento a um lugar e de vivência nele estão ligados aos aspectos de autocompreensão da existência humana. O Rio Doce, no entendimento Krenak, é mais do que uma localização geográfica ou um espaço abstrato analisado por formulas técnica e científica. É algo existencial, vivido, com referências, condições para o desenvolvimento das habilidades e para as inovações dos que ali vivem. A identidade dos Krenak fundamenta-se no pertencimento ao seu território, ao Rio Doce, ao lugar que os orienta.

4. IMPACTOS DECORRENTES DO DESASTRE SOCIOAMBIENTAL SOBRE O POVO KRENAK

No dia 05 de novembro de 2015, a barragem de rejeitos de mineração do Fundão, operada pela mineradora Samarco, se rompeu no Município de Mariana, Minas Gerais. O percurso da lama continuou com intensidade atingindo o Rio Doce e todos os municípios cortados por ele entre os estados de Minas Gerais e Espírito Santo.

4. Ver: Ingold, Tim. Da transmissão de representação à educação da atenção. Educação, 2010 - revistas eletrônicas.pucrs.br

A barragem se rompeu na região do alto do Rio Doce, a aproximadamente 1.200 metros de altitude, onde estão as nascentes mais importantes para a formação do rio. A lama foi então a jusante, descendo pelos rios e modificando a vida aquática do Rio Doce. No dia 22 de novembro a lama chegou à praia de Regência, em Linhares (ES), foz do rio Doce.

O despejo de rejeitos de minério no Rio Doce desencadeou um processo que provocou mudanças físico-químicas da água e transformações no rio que estão sendo vistas pelos Krenak como a destruição do *Watu*. O processo de putrefação de grande volume de peixes, a turbidez excessiva da água, o odor da matéria orgânica decorrente das plantações, criações de animais, de tudo que foi arrastado pela lama e a possibilidade de elementos tóxicos nas águas do Rio Doce interferiram significativamente nas relações dos Krenak com o seu território.

Em recorrentes relatos, os Krenak referem-se à “morte do *Watu*” relacionando-a com a sensação de desproteção que atinge o grupo atualmente. Para os Krenak, o seu território é aquele espaço onde o grupo garante aos seus membros direitos estáveis de acesso, de uso e de controle da totalidade ou parte dos recursos aí existentes. Nesse espaço, o “*Watu*” é fonte de alimento, proteção e equilíbrio.

A “*morte do Watu*” significa a perda de um elemento fundamental da cosmovisão Krenak, do equilíbrio espiritual e mental e da sua concepção de humanidade. Significa também a perda do lugar de importantes vivências passadas, o cerceamento do convívio com animais presentes em seus mitos e a perda das plantas que possibilitam a cura pela medicina tradicional. Vários relatos mencionam com tristeza a possibilidade das novas gerações não poderem conviver com o rio.

“E agora se um menino desse, uma criança ficar doente, como vai fazer? Antes eu ia na beira do rio, Watu me dava as plantas, eu fazia um chá e logo o menino ficava bom. Como vai ser agora com os meus netos, sem planta na beira do rio?”
(Laurita)

“Eu mandava levar o menino para a beira do rio, o Watu lavava a criança, o espírito do rio limpava nós todos e curava. E agora como vai ser?” (Laurita)

Na perspectiva Krenak é a presença e a proteção dos *Maret* que garantem o equilíbrio e a saúde individual e coletiva ao grupo. A falta de vida do *Watu* é vista como o fim do lugar mais propício para a comunicação com os espíritos, os *Maret*. As práticas religiosas no *Watu* possibilitam o diálogo de alguns Krenak com os *maret* e o fortalecimento das relações de solidariedade no grupo. E para os Krenak, são essas práticas religiosas que garantem o

equilíbrio na saúde espiritual e mental dos índios, como constatado por Gonçalves:

Uma característica muito importante relatada é a relação da religião tradicional com a saúde mental da aldeia. A religião tradicional é considerada um fator de equilíbrio na saúde psicofísica das pessoas. Nos relatos, a vivência da religiosidade tradicional deixa os indivíduos com “espírito forte” e com “saúde espiritual. Quando os indígenas seguem os “conselhos” dos pajés e as práticas tradicionais, como o banho na madrugada, se alcança a “vida boa” e o “coração leve”. Já o afastamento da cultura tradicional leva a uma desorientação e confusão mental – “ficar confuso e perdido” – que induz ao consumo prejudicial do álcool e à “depressão”. (Gonçalves, p. 70)⁵

Nas entrevistas, vários informantes abordaram que a impossibilidade de realizar suas práticas religiosas e de viver a sua cultura tradicional no “Watu” com a proteção dos espíritos resultará no enfraquecimento da saúde espiritual e mental, coletiva e individual, do grupo.

Os entrevistados ressaltaram que devido a deficiência no sistema de abastecimento de água na terra indígena, o Rio Doce assume um papel fundamental na dessedentação do grupo. A impossibilidade do uso da água do Rio Doce provocou o colapso do abastecimento de água na terra indígena. Devido à falta de água, passaram a depender de abastecimento por caminhões pipa e caixas d’água, disponibilizadas basicamente pela empresa Vale.

“Chovia, a água sujava, a gente colocava um pote até a sujeira descer e nós bebíamos. Nunca fez mal. Watu nunca fez mal pra nós. E agora?” (Laurita)

Os dados revelam forte apreensão da população em relação à toxicidade tanto da lama e da água do rio, como também da água distribuída. Comentam o forte odor e gosto diferente da água recebida da Vale e manifestam preocupações sobre o impacto na saúde, especialmente das crianças.

As crianças insistem com seus familiares para tomar banho e brincar no rio como foram acostumadas. Os mais velhos também não aceitam ficar longe do *Watu*. Tomamos conhecimento que uma senhora Krenak, contra as orientações da família, tomou banho no rio em meio à lama possivelmente tóxica. O esposo dela relatou que a família está tendo que vigiá-la para que ela não retorne ao rio. Este caso e alguns outros foram apresentados pelos entrevistados como reveladores do “desequilíbrio da saúde mental” que afetou o grupo.

O desastre socioambiental atingiu também a principal atividade econômica dos Krenak atualmente, a pecuária leiteira. O Rio Doce e suas ilhas eram a fonte de dessedentação e

⁵ Conforme: Gonçalves, Bruno. Parecer Técnico Psicológico. São Paulo, 2014.

alimentação do gado de grande parte dos criadores. A possível contaminação da água do rio impossibilitou além da dessedentação, o uso da vegetação das margens e das ilhas do rio para a alimentação do gado. Nessas circunstâncias, os criadores tiveram que confinar o gado em espaços restritos e buscar as medidas emergenciais para evitar a morte dos animais.

“Tinha 77 cabeças de gado na ilha (do Rio Doce), o gado ficou confinado em um pasto vários dias, sem água, sem poder ir pra beira do rio” (Laurita).

No depoimento de um criador, percebemos que o incremento da dificuldade de acesso à água e à alimentação para o gado tem contribuído para a insegurança das famílias Krenak em investir na pecuária como atividade econômica.

Destaca-se na observação em campo, o medo da população em plantar, consumir os peixes, fazer uso das espécies vegetais da beira do rio e se alimentar da carne das caças por eles valorizadas como a capivara, a paca e o tatu. Conhecendo o regime de cheias do Rio Doce, um agricultor informou que não plantou, pois o rio com as chuvas subirá e a água tóxica destruiria a sua plantação.

“Nós sempre pensamos, se tudo der errado, nós temos o Rio Doce. E agora, o ente que sempre nos protegeu é motivo de temor, nós temos que ficar longe” (Geovani)

Um experiente pescador esclareceu em seu relato que ele analisa o grau de contaminação da água usando como referência a observação das espécies de peixes que estão morrendo. Ressalta que até os peixes super-resistentes, como o Bagre Africano, estão morrendo. Por isso, considera alto o perigo do contato com a água e com o rio.

A preocupação, sensação de desproteção e forte desânimo foram expressos com intensidade emocional em nossas entrevistas demonstrando que as alterações no rio, a presença da lama, o impacto sobre a ictiofauna, os reflexos diretos sobre a fauna associada e as especulações sobre a toxicidade da água impactaram fortemente a saúde do povo Krenak.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desastre socioambiental, causado pelo rompimento da barragem de rejeitos de mineração, interferiu significativamente no território e nos ambientes do povo Krenak. O evento produziu alterações nas condições ambientais específicas para o desenvolvimento não apenas dos organismos, humanos e não humanos que vivem atualmente naquele lugar, mas

também para a vida das futuras gerações. Ressaltamos as futuras gerações porque, como nos lembra Viveiros de Castro (2008), os coletivos humanos existem crucial e eminentemente no momento de sua reprodução, na passagem intergeracional daquele modo relacional que “é” o coletivo.⁶

No contexto da análise do desastre socioambiental, foi possível identificar a presença de duas concepções de meio ambiente, duas lógicas que dinamizam diferentemente o espaço atingido. A compreensão do meio ambiente adotada pelas corporações minerárias, grupo não residente, ou seja, externo à região é distinta da concepção ambiental dos Krenak. A racionalidade das corporações minerárias está vinculada às necessidades da produção, a realidade física é dada de forma totalmente independente da experiência humana. O espaço é reduzido a uma paisagem exterior ao sujeito e avaliado por dados matemáticos, transmitidos na forma de gráficos e imagens nos projetos dos empreendedores. Com um significado totalmente diverso, o espaço atingido na perspectiva dos Krenak é entendido como o seu território, o mundo de sua experiência cotidiana, o seu ambiente, o seu lugar. Atende a uma concepção existencial que valoriza a construção do lugar enquanto habitação.

O sentido de pertencimento ao seu lugar e de vivência nele estão ligados aos aspectos de autocompreensão da humanidade Krenak. O lugar, no entendimento do grupo, é mais do que uma localização geográfica ou um espaço abstrato entendido por formas técnica e científica. É algo existencial, vivido, com referências, condições e orientações para o desenvolvimento das habilidades e para as inovações dos que ali vivem. A identidade dos Krenak depende da sua vivência e pertencimento ao lugar que o orienta.

O desastre socioambiental analisado desencadeou para os Krenak uma série de mudanças nas suas condições ambientais e de existências sociais. As interferências atingem território, lugares, processos relacionais de organismos, indivíduos e famílias, alterando a produção e reprodução social do grupo, provocando perdas materiais e imateriais nos meios e modos de vida local.

Apesar de ser prematura uma análise definitiva dos impactos sociais, ambientais, culturais e econômicos do desastre sobre o território indígena, já foi possível identificar no contexto do desastre socioambiental analisado graves violações dos direitos humanos, como o direito à cultura, ao território, a um padrão digno de vida, à alimentação, a um ambiente saudável, à saúde, ao trabalho, à moradia adequada, à plena reparação de perdas, às práticas e

6 Ver: Viveiros de Castro, Eduardo. No Brasil todo mundo é índio, exceto quem não é. in Povos Indígenas no Brasil 2001/2005. ISA, 2006.

aos modos de vida tradicionais, à informação, participação e acesso aos bens, à preservação dos bens culturais, entre outros.

Diante de todas as violações de direitos com significativas perdas nas condições de reprodução sociocultural do grupo, consideramos necessárias e urgentes ações eficazes para garantir a recuperação da integridade do território tradicional Krenak. É necessário um projeto factível e multidisciplinar que garanta um plano de ação coeso para a recuperação da bacia do Rio Doce, no qual os Krenak, sua cosmologia, território, necessidades e demandas, não sejam invisibilizados.

É O PARECER

Brasília, 1 de fevereiro de 2016

MARIA FERNANDA PARANHOS
Analista do MPU/Perita/Antropologia

